

Prédicas para a alma e o corpo: algumas questões para a compreensão da doença no contexto luso-brasileiro do século XVIII.

Admonitions for the soul and the body: some questions for the understanding of the disease in the Luso-Brazilian context of the eighteenth century.

Jean Luiz Neves Abreu*

Resumo: Os cuidados relativos à alma e aos corpos foram tema de uma ampla literatura entre os séculos XVI e XVIII. Tratados de medicina e teologia e outros impressos procuravam instruir sobre a melhor forma de conservar a saúde do corpo e a salvação da alma. A partir dos impressos publicados no século XVIII, este artigo busca problematizar as relações entre a medicina e a religião no contexto luso-brasileiro, mostrando como esses dois campos foram marcados por proximidades, mas também por tensões no que diz respeito aos cuidados relativos aos corpos e aos sentidos que a doença assumia.

Palavras-chave: corpo. Medicina. Religião.

Abstract: The care of soul and bodies was the subject of a wide literature between the sixteenth and eighteenth centuries. Treaties of medicine and theology and other printed matter sought to instruct about the best way of preserving the health of the body and the salvation of the soul. From the printed articles published in the eighteenth century, this article seeks to problematize the relation between medicine and religion in the Portuguese-Brazilian context, showing how these two fields were marked by closeness, but also by tensions regarding body care And the senses that the disease assumed.

Keywords: body. Medicine. Religion.

Os cuidados relativos à alma ao corpo foram objetos de uma ampla literatura religiosa e médica, impressa e manuscrita, produzida no contexto ibérico entre os

* Doutor. Professor do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia.

séculos XVI e XVIII. Diversos estudos apontam a proximidade entre os domínios da religião e da medicina na tentativa de exercer o controle sobre os corpos (CARNEIRO, 2000; DEL PRIORE, 1993). Entretanto, se por um lado, tanto a tradição eclesiástica quanto a médica idealizaram modelos de conduta acerca do corpo; por outro, cabe observar que as relações entre a literatura médica e de cunho religioso nem sempre foram consensuais no que se refere aos significados de que se revestia a doença, bem como sobre as terapêuticas a serem utilizadas. Ao longo deste artigo, a partir de impressos do século XVIII, busca-se problematizar de que maneira a Igreja e a medicina conceberam tais questões.

“Antes de lhe aplicarem medicinas para o corpo, tratem primeiro da medicina da alma”

Na tradição dos textos de cunho moralizantes escritos a partir do século XVI, o corpo humano é percebido de forma negativa, cuja desvalorização culmina nos aspectos físicos. Os pecados cometidos durante a vida levavam à metamorfose do corpo humano em monstruoso, conforme afirmava o padre Manuel Bernardes: “o corpo humano tem de si tanta vileza pelo que foi, e que é: muito maior o tem, pelo que há de ser. Em se desviando dele a alma, que mudado, que horrível, que disforme fica” (BERNARDES, 1686, p.275).¹

Comentários como esse aludiam ao tema da vaidade do mundo. As *vanitas* eram representações alegóricas que colocavam lado a lado símbolos que remetiam aos prazeres terrenos, como livros, comidas e outros objetos; a representações da passagem do tempo e da morte, como flores e caveiras. A instabilidade da sorte e a inexorabilidade da ruína constituíram em tópicos frequentadas pelas letras cristãs e se tornaram o eixo de toda uma produção moralista voltada à exortação moral, com o intuito de chamar atenção do homem para a brevidade dos bens terrenos.

As representações das vaidades entre os séculos XVI e XVIII passam a ter como referência o desenvolvimento da medicina, constituindo aquilo que André Chastel denominou de anatomias moralizantes (CHASTEL, 1995). Os cadáveres dissecados e os esqueletos repercutem no imaginário, tornando-se tema das

¹ O padre Manuel Bernardes foi autor de copiosa obra de teor moralista, com várias reimpressões ao longo do século XVIII. Dentre essas destaca-se *Os últimos fins do homem, salvação e condenação eterna* (1728), na qual o Oratoriano incluía, junto às reflexões sobre os fins últimos, exortações sobre as misérias da vida terrena (PIRES, 1997).

manifestações festivas, da poesia e, sobretudo, da iconografia. Plenas de melancolia, as representações anatômicas lembram que o corpo humano, feito de carne e osso, está condenado a desaparecer um dia. Ao lado do teatro, das danças macabras, das capelas feitas de ossos, o vocabulário médico oferecia aos padres um arsenal de metáforas para representar a metamorfose do corpo vivo em cadáver e demonstrar a putrefação dos órgãos (BRETON, 1993, p.182-190).

Nesse contexto, nos textos de religiosos como o do padre Manuel Bernardes, escritos entre fins do século XVII e no decorrer do XVIII, desenvolve-se uma sensibilidade que alia o tema das vaidades à sensibilidade científica da época, por meio de exortações morais que remetem às dissecações anatômicas:

Representa na imaginação como para este efeito lhe serram o casco, e vasam fora os miolos, lhe abrem o estômago, e tiram as entranhas, e as recolhem em alguma bacia para enterra-la à parte. E eis que aqui onde vieram parar as presunções altivas fabricadas naquele cérebro, os regalos e luxo ordenados para alegrar e dilatar aquelas mesmas entranhas. De sorte que aquele mesmo corpo, que não há muitas horas ninguém ousava molestar, e lhe beijam a mão, e era favor de poucos estar em pé ao seu lado agora o cortam e abrem, e fazem dele o que querem. Cousa certamente que declara bem a vaidade e miséria da vida humana! (BERNARDES, 1686, p.106)

Conjuntamente a essa visão depreciativa, que ressaltava a corrupção da carne, a tradição eclesiástica valorizava o martírio como forma de salvação da alma. As narrativas sobre o tema, que circulavam em cartas, poemas e livros, ocuparam um lugar de destaque na expansão ibérica, constituindo-se modelos de comportamento a serem seguidos pelos fiéis (CYMBALISTA, 2010). Há que se ressaltar o papel da contenção dos prazeres da carne e o domínio dos sentidos, que incluíam os castigos corporais e as privações de comer e dormir (FLECK, 2013, p.354-355).

O modelo exemplar de martírio era oferecido pela vida dos santos mártires. Inúmeros são os exemplos de sua biografia, recolhidos por Piero Camporesi, que mostram que seus corpos eram incorruptíveis. As abstinências, as privações por que passavam, as mortificações a que se impunham, entregando-se a longas e sanguinolentas disciplinas durante a vida, anulavam o processo fisiológico da putrefação da carne, de tal forma que seus corpos se conservavam sem modificações substanciais (CAMPORESI, 1989, p.131-174).

Esses modelos de conduta fundados na abstinência dos prazeres terrenos e no martírio reverberavam no *Compêndio narrativo do Peregrino da América* (1728), de Nuno Marques Pereira, que circulou na América Portuguesa no século XVIII. Ao longo da obra, o autor extrai vários exemplos das Sagradas Escrituras e de outros textos, que enalteciam os feitos dos santos, seus sofrimentos físicos, incluindo as enfermidades:

S. Francisco de Assis teve tantas enfermidades de várias maneiras, que não ficou no seu corpo membro algum que não sentisse grande dor e intensa paixão: e por todas dava muitas graças a Deus, pedindo-lhe que cem vezes dobradas lhas desse, se isto lhe aprazia, porque cumprir-se sua santa vontade nele era a sua perfeita consolação. De S. Francisco Xavier se conta, que quando lhe sucedia algum trabalho ou aflição, dizia a Deus: Mais, mais Senhor. E quando tinha algum prazer ou lhe sucedia algum bem dizia: Basta Senhor, basta. Porque sabia o santo o quanto risco é gozar dos bens do mundo e o muito se aproveita no padecer para gozar a glória celestial (PEREIRA, 1939, v.1, p.321).

No trecho em destaque, Marques Pereira alude à resignação dos santos diante do sofrimento causado pelas doenças, modelo de vida virtuosa a ser adotado pelos fiéis. Neste sentido, a doença passava a significar o recebimento de uma graça divina; sinal de saúde espiritual e vista como um signo de eleição para aqueles que desejavam purificar sua alma e combater a corrupção da carne (GÉLIS, 2005, p.64-68; CAMPORESI, 1989, p.172-173).

Conforme consta no *Vocabulário Portuguez e Latino*, do padre Raphael Bluteau, a própria definição do termo doença no século XVIII demonstra a associação entre fatores de ordem natural e de ordem teológica. Essa era vista como “indisposição natural, alteração do temperamento, que ofende imediatamente alguma parte do corpo” e, ao mesmo tempo, enquanto “filhas do pecado, e mães da morte” (BLUTEAU, 1725, Tomo I, p.175).

No tocante à compreensão das enfermidades como resultantes do pecado, nada mais esclarecedor a respeito que as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* do século XVIII, que enfatizavam a necessidade dos médicos, “antes de lhe aplicarem medicinas para o corpo, tratem primeiro da medicina da alma, amoestando a todos que logo se confessem” (CONSTITUIÇÕES Primeiras do Arcebispado da Bahia, p.74).

Dessa forma, a doença - juntamente com os trabalhos e as misérias que afligiam os homens - era um sinal para o cristão se preparar para uma “boa morte”², e a ocasião para ascender à condição de mártires conforme a espiritualidade pós-tridentina (GÉLIS, 2005, p.65-68). Não era outra a intenção do “Peregrino da América” ao afirmar que “a virtude da alma se aperfeiçoa com a enfermidade do corpo” (PEREIRA, 1939, v.1, p.318). Se Deus porventura livrou o homem das doenças é para que esse pudesse melhor lhe servir, razão pela qual o cristão deveria fazer bom uso de sua saúde (IBIDEM, v.1, p.231).

Ao lado dessa perspectiva, que via a doença como forma de atingir a santidade do corpo ou alcançar a “boa morte”, a tradição eclesiástica contrapunha outra, que aliava a medicina do corpo à da alma. Os jesuítas, em particular, se destacaram no contexto da expansão ultramarina pelas práticas de cura exercidas entre os indígenas. A cura do corpo, ao mesmo tempo em que minorava os sofrimentos de índios e colonos, assumia um sentido de edificação religiosa e valorava os feitos missionários jesuíticos. Para a Ordem, a assistência ao corpo era parte integrante da assistência à alma. Ao lado das orações e curas divinas, os membros da Companhia de Jesus utilizavam de mezinhas e aplicavam sangrias e purgas, em acordo com a tradição hipocrático-galênica, segundo a qual a doença provinha do desequilíbrio dos humores ou temperamentos (FLECK, 2015; CALAINHO, 2005, GESTEIRA, 2004).

De acordo com Piero Camporesi, a partir do contato com os textos de Hipócrates, Galeno e Avicena, a cultura clerical se apropriou da teoria dos humores, explicando-a a partir de preceitos teológicos: antes os seres humanos viviam em perfeita saúde e temperança, mas Adão e Eva, ao introduzirem o pecado, condenaram para sempre o homem a perder sua perfeição humoral (CAMPORESI, 1995, p.60-61)

Nuno Marques Pereira pode ser inserido nessa perspectiva que conciliava a doutrina cristã, os preceitos morais e a tradição hipocrática em relação às enfermidades. Além das referências às Sagradas Escrituras, Sêneca, Platão, dentre outros, são as alusões a Galeno, Hipócrates e Avicena, que fundamentam as reflexões

² Diante da importância que adquiriu a questão da “boa morte” no século XVIII, houve consideráveis investimentos por parte da Igreja— que criou seminários e encomendou obras artísticas sobre o tema com fins pedagógicos — e das irmandades — que forneciam condições materiais para que os irmãos tivessem uma “boa morte”. Apesar de vários esforços para a secularização das práticas relativas ao “bem morrer”, a exemplo da construção de cemitérios fora das Igrejas, estudos atestam a permanência da crença nos rituais da “boa morte” no Brasil do século XVIII e XIX. Sobre a questão ver, dentre outros estudos: (NASCIMENTO, 2010; RODRIGUES, 2008; CAMPOS, 1988 e 1987)

e aconselhamentos sobre os cuidados com a saúde do corpo. Ao afirmar que as “as enfermidades tomam vários termos, já por se complicarem os humores, já pelas influências dos planetas, que dominam nos corpos sublunares” (PEREIRA, 1939, v.1, p.367), Nuno Marques Pereira fazia eco a um dos princípios da patologia humoral segundo o qual o corpo - visto como um microcosmo - estava a mercê da influência dos astros.

O “Peregrino” cita o caso de um morador da América Portuguesa que estava padecendo de “flatos hipocondríacos”, e ao pedir um remédio foi aconselhado a não fugir do demasiado sono, “porque faz engrossar os humores”, pois assim dizia Hipócrates. Baseado na sentença de Galeno, Pereira aconselhava evitar beber água em excesso, pois “pelo que tem de fria e úmida, é muito nociva e inimiga da natureza.” (IBIDEM, v.1, p.314-315). Refletindo sobre as possíveis causas de tumores e apostemas que davam nos corpos, afirmava que estes nasciam “da muita porção de fleuma, cólera, melancolia, e de muitos humores” (IBIDEM, v.2, p.84-85).

Se por um lado, tais exemplos indicam a apropriação da teoria dos humores; por outro lado, essa tradição era lida e compreendida a partir de uma visão teológica, segundo a qual a medicina estava sujeita aos desígnios divinos, pois “não pode o médico obrar nada fora dos decretos, e vontade de Deus.”, conforme salientava o Peregrino (IBIDEM, v.2, p.81).

Em Portugal foram diversos médicos que deram forma medicinal à doutrina cristã e consideravam a medicina divina e, portanto, ligada aos preceitos morais do Cristianismo (CARNEIRO, 2000, p.52-53). Em acordo com tal perspectiva, o médico luso Brás Luís de Abreu afirmava que “Cristo nosso bem, também foi o verdadeiro médico, que nos livrou de todo o mal [...] ele curou leprosos, paráliticos, lunáticos, licantrópicos, cegos, mudos, surdos, febricitantes, hidrópicos e tísicos” (ABREU, 1726, p.243).

Tais concepções acompanharam diversos tratados de matéria médica, escritos a partir da experiência de cirurgiões na América Portuguesa. Luís Gomes Ferreira, autor do *Erário Mineral* (1735), por exemplo, aconselhava aos senhores de escravos a tratá-los bem na saúde e, principalmente na doença, pois depois haviam de “dar conta a Deus”, além de experimentar menos perdas (FERREIRA, 2002, v.1, p.258). Embora atribuisse as doenças que acometiam os escravos nas Minas às péssimas condições de alimentação e trabalho, o cirurgião José Antônio Mendes, em

1770, aconselhava igualmente aos senhores a sacramentarem os enfermos e buscar a Deus como pai e mestre para “vencer a tal queixa” (MENDES, 1770, p.43).

No contexto luso-brasileiro, diversas doenças eram associadas à ação do sobrenatural, cabendo à Igreja o controle da magia permitida e o combate à ilícita. Desse modo, para curar as enfermidades atribuídas às ações do demônio, médicos e cirurgiões recorriam também a orações e esconjuros (RIBEIRO, 1997 p.89-108). Tais aspectos podem ser observados no *Erário Mineral*, que no exercício da arte de curar na região das Minas, incluía em seu receituário diversos antídotos contra os feitiços, a exemplo do pó e a coxa de sapo para aqueles que estavam magros e se julgavam enfeitiçados (FERREIRA, 2002, v.1, p.323).

Tais ideias podem ser explicadas pela própria concepção que se tinha do corpo humano - partilhada pela cultura letrada e pelas populações em Portugal e na América Portuguesa - visto como um microcosmo do universo, sujeito à alteração dos temperamentos, mas também aberto à intromissão das forças ocultas. Dessa maneira, médicos portugueses e luso-brasileiros concebiam que diversas doenças poderiam ser causadas por feitiços, cujos sintomas poderiam ser perceptíveis em alterações do corpo, coexistindo uma perspectiva sobrenatural e naturalizada da doença (NOGUEIRA, 2016, p.58-63; BETHENCOURT, 2004, p.131-141). Apesar disso, importa mencionar que médicos e a Igreja se uniram no combate às curas mágicas, visando garantir cada um a seu modo o monopólio sobre a cura do corpo (WALKER, 2013).

“Nada tem que fazer a alma espiritual com a vida física do corpo”

Se no cotidiano e nas crenças populares muitas doenças serem atribuídas à ação do sobrenatural, no âmbito da cultura letrada é possível notar certas mudanças de percepção em relação ao corpo e a doença no decorrer do século XVIII. A partir do Reinado de D. João V observa-se a circulação de novas ideias que irão exercer influência sobre diversos aspectos da cultura lusitana. Para tanto, contribuíram vários fatores, como a reunião de letrados em torno dos condes de Ericeira e que constituíram a Academia Portuguesa (1717-1722), dentre os quais estavam nomes como os de Raphael Bluteau e Martinho de Mendonça Pina e Proença (FREITAS, 2017, p.19).

Além disso, há que se mencionar o papel dos letrados portugueses que viviam em países estrangeiros. Conforme estudo de Ana Carneiro, Ana Simões e Maria Paula Diogo, os “estrangeirados”³ exerceram significativa influência nos reinados de D. João V, D. José I e D. Maria I, na difusão de novas ideias e concepções científicas em Portugal, que culminaram na criação do Colégio de Nobres e na Reforma da Universidade de Coimbra, em 1772. Em ambas as instituições, a educação científica dos alunos foi considerada como elemento importante, e a ênfase no experimento foi complementada pela importação ou construção de muitos instrumentos científicos e laboratórios (CARNEIRO, SIMÕES e DIOGO, 2000).

No caso da medicina, as mudanças podem ser vistas pela apropriação do mecanicismo e outras teorias médicas que procuravam se desvencilhar em parte da perspectiva da teoria dos humores⁴ e, principalmente, das concepções mágicas e religiosas atreladas ao corpo humano.

Um dos “estrangeirados” que contribuiu para as críticas ao sistema de ensino adotado em Portugal foi Luís Antônio Verney. Sentindo-se oprimido pelo ambiente intelectual português, o clérigo partiu para Roma em 1736, onde, além de obter o título de doutor em Filosofia, escreveu o *Verdadeiro método de estudar* (1746), impresso composto de cartas tratavam dos diversos ramos da ciência, cuja autoria foi atribuída a um “Padre Barbadinho” da Congregação de Itália. Pela defesa dos princípios da filosofia e ciência das Luzes, a obra teve uma recepção negativa entre os censores, sendo proibida sua impressão. Apesar disso, edições clandestinas do impresso chegaram a circular em Portugal (BOTO, 2010, p.290-292; CARVALHO, 1987, p.408-412).

No que diz respeito à medicina, Verney se opunha à adoção dos princípios galênicos e à ausência de experimentalismo, aspectos que, segundo sua opinião,

³ O tema dos “estrangeirados” é questão polêmica na historiografia portuguesa e brasileira. Em estudo de cunho historiográfico sobre os “estrangeirados”, Tiago Reis Miranda procura não só historicizar a discussão na historiografia portuguesa, como também aponta a dificuldade de admitir “que eles integrassem um grupo definido e orgânico, monopolizando as críticas ao “sistema” ou que de alguma maneira quisessem tirar o país de um isolamento asfíxiante, em benefício de um “projeto” vindo de fora. Por outro lado, também não é fácil sustentar que os povos peninsulares se mostrassem especialmente adversos ao estrangeiro, ou que ignorassem as novidades científicas e filosóficas ao norte dos Pirineus.” (MIRANDA, 1990/1991, p.69). Apesar de uma ausência de unidade a esse grupo, estudos mais recentes reforçam a contribuição dos “estrangeirados” na renovação da cultura portuguesa (CARNEIRO, SIMÕES e DIOGO, 2000).

⁴ Importa relativizar a ideia de ruptura com as ideias hipocráticas. Embora vários médicos portugueses considerassem que a teoria dos humores e as terapêuticas a ela associadas - como o uso de purgas e sangrias - não eram suficientes para dar conta do fenômeno da saúde e da doença, Lorelai Kury observa que “a partir da segunda metade do século XVIII, as teorias neo-hipocráticas passaram por uma fase de grande renovação, quando se aliam aos métodos empiristas” (KURY, 2007, p.158)

predominavam no ensino do Reino. O clérigo procurava rejeitar igualmente qualquer efeito miraculoso atribuído aos medicamentos, dissociando a relação entre doença e pecado. A esse respeito observava ser fruto da “imaginação querer que os médicos tivessem a virtude de fazer milagres, ou de emendar os defeitos da natureza corrupta pelo pecado”. Muitos morriam pela “necessidade da natureza”, assim como muitos se curavam pelo “benefício da medicina” (VERNEY, 1950, p.22). Defendendo a separação entre os domínios da alma e do corpo afirmava que “nada tem que fazer a alma espiritual com a vida física do corpo, sendo certo que a alma não pode fazer coisa que não conheça, e a alma ignora o que sucede dentro do corpo”. (IBIDEM, p.27). Pelas ideias adotadas em relação ao saber médico, observa-se que as premissas do clérigo se confrontavam com os princípios predominantes na medicina da época, que aproximava a concepção hipocrática-galênica com a religião, conforme exposto acima.

O fato de tais objeções serem sustentadas por um letrado ligado à Igreja é um aspecto a ser observado. Conforme aponta Márcia Moisés Ribeiro, um dos traços da Ilustração em Portugal foi o papel desempenhado por um clero “Ilustrado” na renovação das ciências da cultura ibérica. Parte do clero propunha mudanças no sistema de ensino e era contrária à demasiada influência das explicações de caráter sobrenatural aplicadas aos fenômenos, os quais deveriam ser vistos a partir de então como ação da natureza. (RIBEIRO, 2003, p.154-160).

A autora destaca, dentre outros, o papel do beneditino Jerônimo Feijóo e sua contribuição ao pensamento científico em Portugal, onde sua obra teve significativa difusão (IBIDEM, p.167-168). Seus escritos, reunidos e publicados entre 1726 e 1740, sob o nome de *Teatro crítico e universal*, propunham refutar as falsas profecias, as posições dos médicos ignorantes e combater todos os tipos de obstáculo ao racionalismo. O autor publicaria ainda *Cartas eruditas y curiosas em que por la mayor parte, se continua el desígnio del Teatro* (1753). Na referida obra, Feijóo reprovava os charlatães por prometerem curar doenças incuráveis. Questionava também o valor dos remédios universais que propugnavam curar qualquer doença: “porque para conceder a algum purgante a alta prerrogativa de remédio universal, é preciso supor que todas as enfermidades procedam desse vício” (FEIJÓO, 1753, Tomo IV, p.109).

Um dos interlocutores de Verney foi o médico António Ribeiro Sanches, um dos principais defensores da introdução de mudanças no ensino e prática da

medicina. Embora tenha nascido em Portugal e ali iniciado os estudos médicos, sentindo-se perseguido pela sua condição de cristão-novo transferiu-se para a Universidade de Salamanca, onde obteve o título de Doutor em medicina, em 1724. Dali iniciou seu périplo pela Europa, e embora nunca tenha voltado à Portugal, desde o reinado de D. João V contribuiu com seus escritos e ideias para a renovação do saber médico. Além de ser discípulo do médico holandês Boerhaave, estabeleceu uma ampla rede de contatos, dentre os quais estavam dom Luís da Cunha, Denis Diderot, Buffon, D'Alembert, e o próprio marquês de Pombal. Um dos frutos desse contato foi o texto escrito em colaboração com Luís da Cunha, em 1730, *Método com que se deve estudar e ensinar a filosofia e medicina moderna* (CONCEIÇÃO, 2017, FURTADO, 2012, p.142; ABREU, 2011).

No conjunto de seus escritos, o médico se opunha à influência que os jesuítas exerceram no ensino em Portugal, em particular, sobre o saber médico (ARAÚJO, 1984, p.381). Propondo-se a mostrar “o prejuízo que recebeu o reino e a religião”, afirmava em *Cartas sobre a educação da mocidade* (1760) que o ensino em Portugal era “conforme as máximas eclesiásticas, tanto nas escolas de latim e filosofia, como na Universidade” (SANCHES, 1922a, p.91).

Em suas propostas sobre a renovação do ensino, Ribeiro Sanches preconizava não só aproximação entre o conhecimento teórico e a prática, como também propunha separar os campos de atuação da religião e da medicina. Tal aspecto fica evidente no texto *Dissertações sobre as paixões da alma* (1753), onde ele defendia a separação entre os campos de atuação dos teólogos, dos legisladores e dos médicos. Ao tratar dos atos luxuriosos, observava:

Acusamos temerariamente de viciosos aqueles que não podem corrigir-se da frequência dos atos luxuriosos, da bebedice, de jogar as cartas e furtar. São estes vícios enfermidades, na verdade, do ânimo e que têm a sua origem na conformação e nos humores do corpo. Nestes casos pertence ao teólogo decretar a consciência e instruir como se pode alcançar a graça divina para curar aquele ânimo e aos legisladores retê-lo pelo medo, e pelo terror dos castigos públicos, mas ao médico pertence ou curar o corpo ou induzir outra enfermidade que produza paixões diferentes (SANCHES, 1922b, p.22)

Tratava-se de uma análise “naturalística da etiologia das paixões” que se fundamentava em pressupostos médicos, segundo os quais as paixões da alma provinham tanto com disposições “corporais hereditárias, quanto de inclinações adquiridas, pela dieta, pelo clima, pelos hábitos e pela idade” (EDLER e FREITAS, 2013, p.445). Sem a intenção de adentrar aqui no campo das teorias médicas, para os

objetivos desse artigo importa considerar o quanto tais posições apontavam para uma nova forma de conceber o corpo humano e as enfermidades, não mais vistas como sinal do pecado ou de feitiços.

Diversas objeções ao sistema de ensino por parte “estrangeirados” e por outros letrados em Portugal foram assimiladas às reformas da Universidade de Coimbra, em 1772, (VILLALTA, 2015; MAXWELL, 1996; FALCON, 1982). No campo do ensino de medicina, os estatutos incorporaram diversas inovações. De forma geral, buscava-se superar a orientação “peripatética” do ensino, associada pelos ilustrados aos jesuítas, e difundir os princípios da observação e da experiência. Não obstante alguns médicos ainda praticassem a medicina em acordo com os princípios hipocráticos e galênicos, as obras de médicos luso-brasileiros formados na Universidade de Coimbra e em universidades estrangeiras após a década de 1770, indicam a adesão ao experimentalismo e de outras teorias acerca do corpo e da doença.⁵ (FREITAS, 2017, p. 30-35; ABREU, 2011, p. 40-50; PITA, 2000, p.129-162).

Diversos impressos que circularam em Portugal nas últimas décadas do século XVIII propugnavam concepções sobre o corpo humano, respaldadas em teorias médicas amparadas nos estudos anatômicos e fisiológicos. Além disso, sustentavam novas orientações em relação ao corpo humano, que se confrontavam com as orientações de cunho religioso. Dentre esses merece destaque *Medicina teológica* (1794), que, após receber as licenças para impressão, pelas ideias que disseminava teve seus exemplares recolhidos e a impressão proibida.

Em estudo recente, Ricardo Cabral de Freitas procura rever aspectos relevantes dessa obra, dentre eles a suposta autoria atribuída ao médico luso-brasileiro Francisco de Melo Franco, natural de Paracatu (MG). Além de se valer de evidências empíricas, o autor argumenta que o período da publicação da *Medicina Teológica* coincide com o período em que, após sua formatura na Universidade de Coimbra, em 1786, Melo Franco colocou em prática uma bem-sucedida estratégia de ascensão profissional, tendo se tornado um respeitado clínico da Corte e se inserido na Academia de Ciências de Lisboa como correspondente (FREITAS, 2017, p.110-120).

⁵ De acordo com Ricardo de Freitas, a adoção do modelo mecanicista se encontrava em defasagem com relação a outros círculos médicos europeus da época, sobretudo em Inglaterra e França, locais em que esse modelo estava “sob forte ataque de correntes médicas que propunham uma profunda revisão dos modelos médicos mecanicistas”, a exemplo do vitalismo. De toda forma, segundo o autor, o currículo deixava brechas para que esse modelo pudesse ser revisado (FREITAS, 2017, p.34)

Conforme observa Freitas, a questão da autoria não invalida os significados que a circulação do impresso assumiu, pois “o conteúdo e a recepção dessas obras em seu contexto de origem geraram debates demasiado ricos para que sejam eclipsados pela busca por seu real autor”. Além disso, tais “escritos que apontam para a redefinição do papel desempenhado pelo conhecimento médico na sociedade portuguesa no final do Setecentos. (IBIDEM, p.112).

Embora destinada aos confessores, *Medicina teológica* expunha diversos argumentos que se afastavam da perspectiva da Igreja em relação ao corpo. Para o médico, a “bebedice”, a “nostalgia”, a “ninfomania” e os “prazeres do amor”, vistos como pecado, eram doenças que se manifestavam no corpo e, portanto, deviam ser tratadas como por intermédio de remédios físicos. Neste sentido, em vez dos açoites e castigos prescritos pela Igreja, indicava aos “senhores confessores” os remédios antifrodisíacos, como a sangria, banhos, purgantes, antissépticos e as bebidas refrigerantes. (FRANCO, 1994, p.108-115). A patologização do amor era produzida “pela decomposição das fibras nervosas”. Tomando por base a concepção de Boerhaave, o autor considera o amor o responsável por perverter “os fluidos mais principais do corpo” (IBIDEM, p.39-42).

Neste sentido, o que torna o livro tão transgressor à época era a abordagem que seu autor propunha para as enfermidades, enquadrando certos comportamentos vistos até então como desvios morais sob o signo das doenças (EDLER e FREITAS, 2013). Conforme observa Stein, *Medicina teológica* “acaba por demonstrar o quanto os religiosos estavam incapacitados de proceder eficientemente à cura de corpos e almas sem o recurso da medicina” (STEIN, 2015, p.67).

Em objeção a essas ideias, Frei Manoel de Santa Ana publicou, em 1799, *Dissertações teológicas medicinais, dirigidas à instrução dos penitentes, que no sacramento da penitência sinceramente procurarão a sua santificação, para que não contaminem como os abomináveis erros de um livro intitulado: medicina teológica*. O frei considerava a obra perniciosa por “lançar ridículos sobre as ideias teológico-morais” e, em oposição às ideias sustentadas no impresso, tratava de defender a posição de que os males da alma se curavam com a graça divina e não com a medicina (LUCAS, p.98-99).

As posições presentes na *Medicina teológica* foram acompanhadas por outros médicos de sua época, os quais procuravam reduzir as enfermidades ligadas às paixões aos fatores orgânicos, opondo-se a uma explicação sobrenatural dos males

físicos (ABREU, 2011, p.167-168). Além disso, o contexto de sua impressão coincide nos domínios ibéricos com a circulação de uma literatura médica voltada para os cuidados com o corpo e as paixões, a exemplo da *Medicina Doméstica* (1788), de Guilherme Buchan e; *Aviso ao povo sobre a sua saúde* (1773), de Tissot, dentre outros títulos.

Esses manuais de saúde e higiene, apesar de um conteúdo considerado menos polêmico, prescreviam cuidados relativos a diversas esferas dos “cuidados de si”, como a alimentação, a sexualidade, os exercícios físicos e a maternidade, confrontando-se com uma visão popular do corpo, marcada pela religião e pela magia (BARREIROS, 2016). Embora se inscrevam em uma tradição que remonta ao século XVI, dos impressos denominados “medicina para os pobres”, escritos em sua maioria por clérigos imbuídos de uma missão caritativa, os manuais de saúde do século XVIII terão como autores principais os médicos e enfatizavam que a conservação da saúde deveria ser uma preocupação tanto individual, quanto coletiva (ECHEVERRI, 2005, p.215-217).

No contexto luso-brasileiro, para além da circulação de impressos estrangeiros traduzidos para o português, destaca-se a publicação *Tratado de educação física dos meninos, para uso da nação portuguesa* (1790), de Francisco de Melo e Franco, e a obra de título homônimo, de autoria de Francisco José de Almeida (1791). Tais obras apontavam para a convergência entre os cuidados com a higiene individual e coletiva, bem como incorporavam um saber sobre as enfermidades, amparado no desenvolvimento da anatomia, da física e da química.

Indicativo a respeito é a introdução nesses impressos de um vocabulário que remetia à “máquina” do corpo humano, aos nervos e às fibras. Ao aconselhar sobre os banhos, por exemplo, Francisco José de Almeida observa que os quentes afrouxavam as fibras, e “enfraquecendo os nervos vai de encontro ao trabalho da natureza, e debilita a constituição mais vigorosa” (ALMEIDA, 1791, p.27). Já Francisco de Melo Franco, em *Elementos de higiene* (1814) - apropriando-se da teoria de que a saúde dependia do equilíbrio dos sólidos e dos fluídos, de Boerhaave⁶- afirmava que com os exercícios físicos “promovem-se as secreções, e excreções; corroboram-se os sólidos,

⁶ A despeito da permanência das ideias hipocráticas e referências aos seus aforismos em tratados de medicina, Jorge Crespo considera que a teoria de Boerhaave foi um elemento importante na transição que se operou no final do século XVIII em Portugal, tendo sua obra se definido “como um fator de progresso fundamental na medicina portuguesa” (CRESPO, 1990, p.68).

e estabelece-se o equilíbrio nas diferentes funções de cada um dos órgãos, que compõem a nossa máquina” (FRANCO, 1814, p.235).

Se por um lado, os tratados e manuais de saúde traziam ainda referências à obra de Hipócrates e antigas tradições culturais (MARQUES, 2004); por outro, os exemplos citados acima indicam a assimilação de novas ideias que circulavam no mundo luso-brasileiro entre fins do século XVIII e início do seguinte. Nesses textos não se observa mais as referências ao caráter sobrenatural das enfermidades, atrelada a uma visão mágica ou religiosa do corpo humano. Apesar disso, a medicina ainda se vestia de uma conotação moralizante, condenando os hábitos considerados viciantes, conforme é possível notar na *Medicina teológica*.

Ao longo desse artigo, buscou-se problematizar algumas questões relativas ao pensamento eclesiástico e médico em relação ao corpo e à doença no contexto luso-brasileiro do século XVIII. Durante muito tempo, predominou uma perspectiva dominada pela influência do catolicismo e pela perspectiva sobrenatural, o que tornou possível a conciliação entre a perspectiva eclesiástica e medicinal da doença. As transformações que se fizeram notar nesse campo dependeram de uma série de fatores, que incluía não só a renovação do saber médico por meio da apropriação de teorias médicas e renovação do ensino no contexto luso-brasileiro, como também uma maior difusão das ideias fundamentadas em preceitos que procuravam separar os domínios da medicina e da Igreja.

Cabe enfatizar que esse processo de laicização contou com a colaboração de alguns letrados ligados à Igreja, conforme exemplificado por Verney e Feijóo, os quais procuravam reconhecer a legitimidade da medicina em relação ao tratamento das enfermidades. As relações entre os saberes eclesiásticos e médicos não foram, portanto, isentas de aproximações em alguns momentos e de tensões em outros. Neste caso, as apropriações das teorias médicas sob a influência da Ilustração representaram uma inflexão do saber médico. De toda maneira, as tradições eclesiásticas e médicas buscavam moldar o corpo dos indivíduos, prescrevendo normas, hábitos e modos de viver.

Referências

- ABREU, Brás Luís de. **Portugal médico ou monarchia médico-lusitana histórica practica symbolica, ethica e política**. Coimbra: Officina de Joam Antunes, 1726.
- ABREU, Jean Luiz Neves. **Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.
- ALMEIDA, Francisco José. **Tratado de educação física dos meninos para a nação portuguesa**. Lisboa: Na officina da Academia Real de Ciências, 1791.
- ARAÚJO, Ana Cristina. Ilustração, pedagogia e ciência em Antônio Nunes Ribeiro Sanches. **Revista de História e teoria das ideias**. Revoltas e revolução, Coimbra. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, v. 6, p.377-395, 1984.
- BERNARDES, Padre Manoel. **Exercícios espirituais e meditações da via purgativa e malícia do pecado, vaidade do mundo, misérias da vida humana, e quatro novíssimos do homem divididos em duas partes**. Lisboa: Na Officina de Miguel Deslandes, 1686.
- BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia: Feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal do século XVI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário Portuguez e Latino**. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. (Cd-Rom).
- BOTO, Carlota. A dimensão iluminista da reforma pombalina dos estudos: das primeiras letras à universidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.15, n.44, p.282-299, ago., 2010.
- BRETON, David Le. **La chair à vif: usages médicaux et mondains du corps humain**. Paris: Métailié, 1993.
- CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e medicina no Brasil colonial. **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, v.10, n.19, p.61-75, 2005.
- CAMPORESI, Piero. **L'Officine Des Sens**. Paris: Hachette, 1989.
- CAMPORESI, Piero. **Il governo del corpo**. Italy: Garzanti Editore, 1995.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. Considerações sobre as pompas fúnebres na capitania das Minas, o século XVIII. **Revista do Departamento de História - FAFICH-UFMG**, n. 4, p.2-24, junho, 1987.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. Notas sobre os rituais da morte na sociedade escravista. **Revista do Departamento de História - FAFICH-UFMG**, n.6, p.109-112, julho, 1988.

CARNEIRO, Ana; SIMÕES, Ana. DIOGO; Maria Paula, Enlightenment Science in Portugal: The estrangeirados and their communication networks. **Social Studies of Science**, 30, 4, p.591-619, 2000, p.74.

CARNEIRO, Henrique. **A Igreja, a medicina e o amor**: prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil. São Paulo: Xamã, 2000.

CARVALHO, Rômulo de. **História do ensino em Portugal**: desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime de Salazar-Caetano. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

CHASTEL, André. Le baroque et la mort. In: Retórica e barocco. **Atti del III Congresso internazionale di studi umanistici**. Roma: Centro Internazionale di Studi Umanistici, 1995, p. 33-46.

CONCEIÇÃO, Gisele C. Evidências da circulação de conhecimento filosófico-natural sobre o Brasil em um manuscrito de 1763 de António Nunes Ribeiro Sanches. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.24, n.2, p.519-533, abr. 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702017000200519&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 29 junho de 2017.

CONSTITUIÇÕES Primeiras do Arcebispado da Bahia, feitas e ordenadas pelo Ilustríssimo e Reverendíssimo Dom Sebastião Monteiro da Vide 5º Arcebispo do dito Arcebispado e do Conselho de Sua Majestade Propostas e Aceitas em Sínodo Diocesano, que o dito Senhor Celebrou em 12 de junho de 1707 Impressas em Lisboa no ano de 1719 e em Coimbra em 1720.

COSTA, Palmira Fontes da; CARDOSO, Adelino. **Percursos na história do livro médico, 1450-1800**. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

CRESPO, Jorge. **A história do corpo**. Lisboa: Difel, 1990.

CYMBALISTA, Renato. Os mártires e a cristianização do território na América portuguesa, séculos XVI e XVII. **Anais do Museu Paulista**, v. 18, n.1, p.43-82, jun.2010.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro/Brasília, José Olympio/EDUNB, 1993.

EDLER, Flavio Coelho; FREITAS, Ricardo Cabral de. O "imperscrutável vínculo": corpo e alma na medicina lusitana setecentista. **Varia história**, Belo Horizonte, v. 29, n. 50, p. 435-452, ago. 2013

FALCON, Francisco José Calazans. **A época pombalina (política econômica e monarquia ilustrada)**. São Paulo: Ática, 1982.

FEIJÓO, Benito Jerônimo. **Cartas eruditas y curiosas em que por la maior parte se continua el desígnio del teatro crítico universal**. Madrid: Los Herderos, 1753. Tomo IV.

FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. (Edição Organizada por Júnia Ferreira Furtado), 2 Volumes.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. La sangre de los mártires es la semilla de cristianos nuevos: a consagração póstuma de missionários jesuítas (Província Jesuítica do Paraguai, século XVII). **Revista de Historia (USP)**, v. 168, p. 351-381, 2013.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Para além da medicina da alma: a atuação de missionários jesuítas nas artes de curar (América platina, séculos XVII e XVIII). **Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico**, v.7, p. 01-28, 2015.

FRANCO, Francisco de Melo. **Elementos de higiene ou ditames teóricos, e práticos para conservar a saúde e prolongar a vida**. Lisboa: Typografia da Academia, 1823.

FRANCO, Francisco de Melo. **Medicina teológica ou Supplica humilde feita aos senhores confessores, e diretores, sobre o modo de proceder com seus penitentes na emenda dos pecados, principalmente na lascívia, cólera e bebedice [1794]**. São Paulo: Giordano, 1994.

FRANCO, Francisco de Melo. **Tratado de Educação física dos meninos, para uso da nação portuguesa**. Lisboa: Officina da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1790.

FREITAS, Ricardo Cabral de. **Os sentidos e as ideias: trajetória e concepções médicas de Francisco de Mello Franco na Ilustração Luso-brasileira (1776-1823)**. Tese (Doutorado), Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz-FIOCRUZ, Rio de Janeiro, RJ, 2017.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Oráculos da geografia iluminista: Dom Luís da Cunha e Jean-Baptiste Bourguignon D'Anville na construção da cartografia do Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

- GÉLIS, Jacques. Le corpos, L'Église et le sacré. In: VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean-Jacques; CORBIN, Alain (Dir.). **Histoire du corps**. 1. De la Renaissance aux Lumières. Paris: Éditions du Seuil, 2005, p.17-165.
- GESTEIRA, Heloisa M. A cura do corpo, conversão da alma. **Topoi** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v.5, n.8, p.71-95, 2004.
- KURY, Lorelai B. Descrever a pátria, difundir o saber. In: KURY, Lorelai B. (Org.). **Iluminismo e Império no Brasil: O Patriota (1813-1814)**. Rio de Janeiro: Fiocruz/Biblioteca Nacional, 2007, p.141-178.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. Instruir para fazer a ciência e a medicina chegar ao povo no Setecentos. **Varia História**, Belo Horizonte, n.32, p.37-47. jul. 2004.
- MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal: paradoxo do iluminismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- MENDES, José Antônio. **Governo dos mineiros, mui necessários aos que vivem distantes de professores seis, oito, dez e mais léguas, padecendo por esta causa os seus domésticos e escravos queixas, que pela dilaçam dos remédios se fazem incuráveis, e as mais das vezes mortais**. Lisboa: Oficina de Antônio Rodrigues Galhardo, 1770.
- MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. "Estrangeirados". A questão do isolacionismo português no séculos XVII E XVIII. **Revista de História**, São Paulo, n. 123-124, p. 35-70, ago./jul., 1990/1991.
- NASCIMENTO, Mara Regina do. Devoção católica e representações da morte na Porto Alegre dos séculos XVIII e XIX. **ArtCultura (UFU)**, v.12, p.199-213, 2010.
- NOGUEIRA, André Luís Lima. **Entre cirurgiões, tambores e ervas: calundezeiros e curadores ilegais em ação nas Minas Gerais (século XVIII)**. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.
- PEREIRA, Nuno Marques. **Compêndio narrativo do Peregrino da América [1728]**. Rio de Janeiro: ABL, 1939. 2 Volumes.
- PIRES, Maria Lúcia Gonçalves. Os últimos fins do homem na obra do Padre Manuel Bernardes. **Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas**, Porto, p.173-186, 1997.
- PITA, João Rui. Medicina, cirurgia e arte farmacêutica na reforma pombalina da Universidade de Coimbra. In: ARAÚJO, Ana Cristina (Coord.) **O marquês de Pombal e a universidade de Coimbra**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2000. p.129-162.

RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII.** São Paulo: Hucitec, 1997.

RIBEIRO, Márcia Moisés. **Exorcistas e demônios: demonologia e exorcismo no mundo luso-brasileiro.** Rio de Janeiro: Campus, 2003.

RODRIGUES, Cláudia. A arte de bem morrer no Rio de Janeiro setecentista. **Varia História**, Belo Horizonte, v.24, n. 39, p.255-272, jun. 2008.

SANCHES, Antonio Nunes Ribeiro. **Cartas sobre a educação da mocidade** [1760]. Coimbra: Imprensa Universitária, 1922.

SANCHES, Antônio Nunes Ribeiro. **Dissertação sobre as paixões da alma** [1753]. Coimbra: Imprensa Universitária, 1922.

STEIN, Tarcila Nienow. **Os dois braços da boa medicina: a medicina do corpo e da alma na obra de Francisco de Melo Franco.** São Leopoldo: Universidade Vale dos Sinos. Dissertação (Dissertação em História), Programa de Pós-Graduação em História, 2015.

VERNEY, Luís António. **Verdadeiro método de estudar** Volume IV. Estudos médicos, jurídicos e teológicos [1746]. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1950. (Edição organizada por António Salgado Júnior).

VILLALTA, Luiz C. **Usos do livro no mundo luso-brasileiro sob as luzes: reformas, censura e contestações.** Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

WALKER, Timothy D. **Médicos, medicina popular e inquisição: a repressão das curas mágicas em Portugal durante o Iluminismo.** Rio de Janeiro/Lisboa: Editora Fiocruz/Imprensa de Ciências Sociais, 2013.

Recebido em Maio de 2017

Aprovado em Junho de 2017